

Regueiras, M. (2006). *Desenvolvimento da responsabilidade pessoal e social de jovens em risco através do desporto: Será possível?* (dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

Silbereisen, R. K., & Lerner, R. M. (2007). *Approaches to positive youth development*. London, UK: Sage.

Wright, P., & Li, W. (2009). Exploring the relevance of positive youth development in urban physical education. *Physical Education & Sport Pedagogy*, 14, 241-251.

AUTORES:

Rui Proença Garcia ¹

Luísa Ávila da Costa ¹

¹ Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto (CIFID), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

<https://doi.org/10.5628/rpcd.20.03.57>

A narrativa

dos Jogos Olímpicos:

Uma viagem axiológica pelos caminhos da maratona.

PALAVRAS-CHAVE:

Jogos Olímpicos. Limites.

Maratona. Utopia. Ucronia.

SUBMISSÃO: 28 de Agosto de 2020

ACEITAÇÃO: 25 de Outubro de 2020

RESUMO

Os Jogos Olímpicos procuram os limites do ser humano. Procuram saber até onde o ser humano consegue ir. É possível estabelecer a história humana através da busca desses limites. Na Grécia Antiga o desafio dos Jogos Olímpicos era ascender ao Monte Olimpo, a morada dos Deuses. Esse desafio fundou uma ética, a verdadeira ética do desporto, uma ética baseada no esforço. No atual programa olímpico há uma prova paradigmática que evidencia essa ética, a Maratona. É uma narrativa iniciada em 490 a.C., que serviu de fundamento para que Michel Bréal criasse a mais longa prova de corrida do programa olímpico. Maratona é uma palavra com muitos sentidos. É um lugar, um símbolo de liberdade, uma prova desportiva e um modelo de vida centrado no esforço. Finalmente, os autores concluem que é possível analisar a Maratona como uma utopia e uma ucronia.

CORRESPONDÊNCIA: Rui Proença Garcia. CIFID. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto. Rua Dr. Plácido da Costa, 91. 4200-450 Porto. email: rgarcia@fade.up.pt

The Olympic Games' narrative:

An axiological journey through the paths of marathon.

ABSTRACT

The Olympic Games seek the limits of the human being. They seek to know how far human being can go. It is possible to establish human history by searching for these limits. In Ancient Greece the challenge of the Olympic Games was to ascend to Mount Olympus, the abode of the Gods. This challenge founded an ethics, the true ethics of sport, an ethics based on effort. In the current Olympic program, there is a paradigmatic proof that shows this ethics, the Marathon. It is a narrative begun in 490 BC, which served as the basis for Michel Bréal to create the longest running race of the Olympic program. Marathon is a word with many senses. It is a place, a symbol of freedom, a sporting event and a model of life centered on effort. Finally, the authors conclude that it is possible to analyse the Marathon as a utopia and an *ucronia*.

KEYWORDS:

Olympic Games. Limits.

Marathon. Utopia. Ucronia.

A NARRATIVA DA EXCELÊNCIA HUMANA

Os Jogos Olímpicos narram uma história. Narram a história do ser humano dos últimos 2800 anos. Contam a história de quando o homem e os Deuses conviviam constantemente. Relatam a convivência humana com Prometeu, Apolo, Dionísio, Hércules, Hermes e, certamente, Zeus. Narram o desejo humano de ascender ao Olimpo, à morada dos Deuses, uma subida pautada por uma tremenda postura ética.

Entre outros, Pausânias (2000), Homero (2005) e Píndaro (1990) cantaram os feitos gloriosos de atletas de antanho. Feitos que os levaram a ultrapassar o limite humano, porque, tal como canta Camões (1981)¹:

*E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando*

Os Jogos Olímpicos possibilitaram esta verdadeira transcendência, sendo muitos aqueles que ao longo dos séculos cantaram esses feitos gloriosos, concretizando a máxima do Poeta dos Poetas, que:

*Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte*

O engenho e arte de cantar os feitos olímpicos foi e é apanágio de muitos, que munidos de instrumentos diversos, nomeadamente a caneta, o pincel², o martelo e o cinzel³, ou a máquina de filmar⁴ immortalizaram o humano em competição.

Uma atividade com cerca de 28 séculos de existência, embora com uma longa interrupção de cerca de 1500 anos, tem de valer muito para o ser humano. Só assim se compreende a sua perenidade e progressivo aumento de valor – melhor dizendo, de múltiplos valores – na contemporaneidade.

Os primeiros séculos dos Jogos Olímpicos narram a história da elevação do ser humano pelo desporto, prática que poderia elevar um mortal, um simples mortal à condição divina (Monteiro, & Garcia, 2016).

Já entrados na era de Cristo, os Jogos evidenciaram o que mais de pérfido se poderia fazer com o humano. Simples espetáculo desprovido de valores supremos, corrupção e degradação humana que em 393 conduziram ao fim dos Jogos que já duravam há mais de um milénio.

Os Jogos Olímpicos, inicialmente pensados apenas para homens de uma determinada classe social e condição pessoal, abriram-se decisivamente, convocando para o

¹ Canto I, 2ª estrofe (p. 29)

² Por exemplo, ânfora paratenaica pintada com atletas competindo, de um pintor de Eufiletos, atualmente no Museu Metropolitano de Nova Iorque.

³ Discóbolo de Míron. O original, já perdido, foi esculpido em bronze no ano 455 a.C. Atualmente a cópia romana, em mármore, mais conhecida é do século II, encontrando-se no *British Museum*.

⁴ Embora datado e referente aos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, é justo realçar o documentário de Leni Riefenstahl intitulado *Olympia: Fest der Völker*, que segundo especialistas de cinema revolucionou a arte de filmar provas desportivas.

seu seio mulheres, Pessoas com deficiência, jovens e desportistas de modalidades de inverno, alargando as fronteiras na perspetiva de possibilitar a ascensão ao Olimpo a mais desportistas. Por outras palavras, simples, talvez mesmo banais, o Olimpo, reduzido dos Deuses, democratizou-se.

Os números em torno dos Jogos Olímpicos são impressionantes. Impressionam os valores económicos, quer para a realização dos Jogos como dos negócios que geram. São dignos de nota os números de espectadores que ao vivo e através da televisão assistem a este grandioso acontecimento. É de registar os milhares de atletas que participam nas várias possibilidades olímpicas, Jogos Olímpicos e Paralímpicos, de Verão e de Inverno, e ainda nos Jogos Olímpicos da Juventude. A comunicação social não fica indiferente aos Jogos, dando um enorme relevo principalmente em relação aos Jogos Olímpicos de Verão. O poder político também fica seduzido pelos Jogos.

É difícil ficar indiferente aos Jogos Olímpicos face à sua dimensão universal, uma atividade que une povos, culturas, religiões, línguas, modos de vida, ideologias, unindo aqueles que outras dimensões da vida separaram.

A história dos Jogos é muito longa, sendo as atuais manifestações a continuação de uma herança multiseular, assente em alicerces axiológicos inamovíveis porque se edificaram tendo como argamassa uma pergunta intemporal “até onde posso ir?”.

Leonardo da Vinci com *Gioconda*, Miguel Ângelo com *Pietá*, Picasso com *Guernica*, Beethoven com a *9.ª Sinfonia*, Camões com *Os Lusíadas*, Einstein com a *Teoria da Relatividade* e tantas outras pessoas fantásticas mostraram até onde o génio humano pode ir nas artes plásticas, na música, na literatura ou na ciência.

São dimensões humanas de extraordinária importância, mas o homem não se esgota nas suas qualidades artísticas e/ou cognitivas. Há mais limites a procurar e o desporto ajuda o ser humano a buscá-los. Podem parecer menos relevantes que os anteriores, mas a sua busca assenta numa tarefa hercúlea fortemente marcada por um comportamento ético irrepreensível.

O desporto rege-se por princípios universais que nos tempos que correm se encontram fora de moda. Foi com razão que Bento XVI aludiu à ditadura do relativismo, postulando que “nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio e as suas vontades” (Bento XVI, 2010, p. 58).

No desporto não há lugar para esta ditadura. No desporto impõe-se o universal, não o relativo. Uma regra é para todos, em todo o lado. Os seus valores são para todos, em qualquer lado.

Os Jogos Olímpicos narram a busca do ser humano pelos seus limites. O homem pergunta pelos seus limites, sendo o desporto de alto rendimento, aquele que acima de tudo é cantado pelo olimpismo, o locus para a sua procura.

Não é de agora que se realça esta busca. Aristóteles, na sua *Política*, levanta quatro questões distintas (Aristóteles, 2009, p. 613, nota de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes):

1. Qual o **melhor** exercício em si (*tis aristen*)?
2. Qual o exercício que mais **interessa** a cada um (*sympherei*)?
3. Qual o melhor exercício para os que não pretendem atingir a **perfeição** (*teleia*) mas apenas manter o **hábito** (*dynamis*)? NB: levar o atleta a atingir a perfeição em função das competições gímnicas era tarefa do **mestre de ginástica** (*gymnastikes*); inculcar em alguém o hábito de exercício físico apenas em vista da boa forma era função do **treinador físico** (*paidotribes*).
4. Qual o exercício que melhor convém à **maioria** (*panta*)?

É fácil compreender que Aristóteles alude a uma prática física orientada para a perfeição humana e uma outra orientada para o hábito, o que podemos traduzir por desporto de lazer. A busca da perfeição pode ser vista como a busca da excelência humana, conceito deveras importante na construção do homem grego.

Nesta busca podemos considerar dois planos: a busca da excelência individual, traduzida pela questão “até onde posso ir?”, e a busca da excelência da espécie humana, vertida pela pergunta “até onde o ser humano pode ir?”. São dois planos que o desporto possibilita.

No primeiro caso a busca centra-se em cada um, enquanto no segundo caso se busca o limite do ser humano. Em ambos se busca a perfeição. Os Jogos Olímpicos, com a sua lista de recordes, orientam-se para a busca dos limites humano, para a perfeição humana. Só alguns é que veem os seus nomes gravados na pedra dos estádios olímpicos. Na Maratona, por exemplo, Carlos Lopes, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, e Rosa Mota, nos Jogos Olímpicos de Seul em 1988, mostraram quão longe o ser humano poderia ir. Conquistar um título olímpico ou de valor semelhante é anunciar os limites que o humano pode alcançar.

Milhares de pessoas correm, por exemplo, a Maratona, mas só algumas atingem a perfeição humana. Porém, os melhores mostram de que é que o humano é capaz, transportando consigo toda a humanidade. Carlos Lopes e Rosa Mota, naqueles momentos, tal como o marinheiro de *O Mostrengo* (Pessoa, 2006a, p. 365) eram mais do que eles. Até eram mais do que um país, representavam a humanidade. Com eles, ou com quaisquer outros campeões olímpicos, correu a humanidade.

Na linguagem do quotidiano dizemos que o homem já foi à Lua. É verdade para uns tantos, pouco mais de uma dezena, mas esses poucos representam todos nós. É por isso que o homem já foi à Lua, como o homem é capaz de correr 100 metros em 9.58 segundos, mesmo que só um o tenha feito em plena arena olímpica.

O génio humano patenteia-se em obras singulares, únicas. Mas por mais singular seja essa obra, artística, científica, desportiva ou outra, o homem manifesta-se. Não interessa quantas pessoas a realizaram. Interessa é tomar consciência que a podemos atingir. A perfeição humana é alcançada em cada obra genial!

O desporto abre-se em direção a todos, tal como a música, o desenho, a ciência ou a escrita estão acessíveis a quem assim desejar. Porém, a magnificência de Beethoven, a grandeza de Leonardo da Vinci, a visão de Einstein ou o génio de Camões só estão ao alcance de alguns, invariavelmente dos melhores. Sim, dos melhores, daqueles que elevam as suas artes a níveis inescrutáveis. Desses rezam a história, em especial a história da humanidade.

Desta forma, o desporto olímpico – leia-se de elevado nível performativo – comporta um profundo significado antropológico. É mais, muito mais do que um simples passatempo ou um espetáculo para ser visto localmente ou através da televisão. O desporto olímpico é a busca dos limites da humanidade, e por tal narra a história da aproximação do homem dos Deuses do Olimpo.

A ascensão ao Monte Olimpo não é fácil. Não pode ser fácil. É uma escalada que envolve sacrifícios, lutas variadas, desconforto, quedas, momentos de desânimo e, por vezes, a instauração de dúvidas. Porém, estes dissabores são oportunidades para se mostrar o valor que se tem. E o campeão olímpico tem *valor*.

Tem *valor* porque aceita competir. Sim, porque o campeão não é o melhor, mas o melhor daqueles que competem, como nos lembrava sabiamente Aristóteles.

Tem *valor* porque treina. Sim, porque o treino⁵ é o único caminho para conhecermos os nossos limites, a nossa excelência. Michel Serres, filósofo francês, é enfático na sua defesa pelo superior significado do ato de treinar. Para ele, “nunca nos teríamos tornado nos homens que somos sem o treino. É ele que abre o segredo da cultura” (Serres, 2004, p. 48).

Tem *valor* porque pauta a sua vida pela ética do esforço. Sim, porque só se alcança o Olimpo com esforço. Como alvitra Aristóteles na sua *Ética a Nicómaco* (Aristóteles, 2009, p. 44), “é mais difícil lutar contra o prazer do que contra o sofrimento, para usar uma frase de Heráclito, mas a virtude como a arte se preocupa sempre com o mais difícil, pois as coisas boas se tornam até melhores quando difíceis”.

Tem *valor* porque pressente que é na contrariedade que consegue perceber o devir. Sim, porque cada escolha que o caminho coloca é uma oportunidade para se transcender.

Tem *valor* porque com o treino cada um é obreiro do seu ser. Sim, porque treinar é mobilizar o ser que somos, quer na dimensão corporal como nas outras enunciadas por São Paulo para quem, na sua conceção antropológica ternária, o homem é corpo, alma e espírito⁶ ou, em palavras do antigo grego, *sôma, psychê e pneuma*⁷.

⁵ Ensaiar, experimentar, fazer exercícios (os famosos “trabalhos para casa”), são eufemismos de treino. Treino não é uma palavra exclusiva da linguagem desportiva. Treino é um conceito que traduz a ideia de uma repetição sistemática, racionalmente construída embora por vezes possa desenvolver-se fruto de um acaso inicial.

⁶ Ver Primeira Epístola aos Tessalonicenses (Bíblia Sagrada (2001, p. 23): [q]ue todo o vosso espírito, alma e corpo se conservem sem mancha para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Temos a consciência que São Paulo limitou-se a enumerar algumas características e não a estrutura essencial do ser humano. Contudo, desta posição resulta uma antropologia ternária que pode ser utilizada no contexto deste ensaio (ver Bíblia Sagrada, 2001).

⁷ Encontramos em Carlo Rocchetta (1993) um excelente desenvolvimento desta visão de São Paulo, que não cabe apresentar neste breve ensaio. Uma simples tradução de palavras é um ato hermenêutico profundo, até porque as palavras escritas em hebraico e em grego nem sempre são coincidentes, mesmo que na aparência sejam análogas.

Finalmente, tem valor porque o treino possibilita uma segunda criação do ser humano. Esta não é “apenas” divina. É igualmente fruto da mobilização da vontade e do conhecimento. As leis do treino são normativas para buscar a excelência do ser, para possibilitar a sua evolução.

PELOS CAMINHOS DA MARATONA⁸

Nas diversas manifestações olímpicas há um sem-número de provas que permitem expressar a excelência humana. Mas, como em tudo na vida, há algumas que têm mais repercussão mediática fruto de várias circunstâncias, onde destacamos, por exemplo, o carisma de um ou outro participante, caso de Usain Bolt no Atletismo, ou de Michael Phelps na Natação.

Para Portugal há uma prova que se destaca das demais, a Maratona, consequência da conquista de duas medalhas de ouro e uma de bronze⁹. Esta prova constitui-se como um paradigma do comportamento humano, possuindo todos os elementos constitutivos de uma narrativa.

Há um **facto** ou ação que se pretende contar; que aconteceu ou acontece num dado **tempo** e num determinado **lugar**; com **personagens** que se podem transformar em modelos existenciais contemporâneos; expondo as **causas** ou os fundamentos dessa ação; documentando o **modo** ou a forma como tal decorreu; podendo dela retirar-se **consequências** para o ser humano.

A narrativa olímpica, cujo início remonta há 2800 anos, situa-nos num mundo simultaneamente fantástico e real. Mitologia e realidade cruzam-se de tal forma que por vezes não é possível percebê-los em separado. Há uma autêntica dialética dos contrários, tornando a mitologia real e dando um cunho mitológico à realidade.

A prova da Maratona, talvez mais do que qualquer outra manifestação desportiva, expressa rigorosamente o pensamento exposto. A verdade histórica sobre a primordial corrida da Maratona foi superada pela criatividade de Michel Bréal ao aproveitar uma lenda relativa à batalha de Maratona ocorrida em 490 a.C. Mais importante do que analisar a verdade histórica do acontecimento, a corrida de um soldado do campo de batalha até Atenas, é o exemplo paradigmático que dele se quis retirar.

Para se legitimar uma corrida de longa duração nos Jogos Olímpicos de 1896 foi necessário ir à Antiga Grécia¹⁰ buscar uma atividade modelar que a sustentasse. Bastou uma pa-

⁸ Para esta análise simbólica à prova da Maratona, embora com múltiplas alterações, seguimos de perto um nosso texto, intitulado “A herança: A utopia da maratona”, publicado num livro organizado por Paulo Mendes Pinto (ver Garcia, 2013).

⁹ Felizmente, Portugal também já conseguiu dois ouros e uma prata olímpicos no tripló-salto.

¹⁰ Embora utilizemos amiúde a expressão Grécia Antiga (ou Antiga Grécia), sabemos “nem então, nem em nenhuma outra cultura, no mundo antigo, houve uma nação, um território único regido por uma lei soberana, que se tenha chamado Grécia” (ver Santos & Jardim, 2005)

lavra, Maratona, para dar sentido a uma corrida. A palavra, para mais quando proveniente da tradição grega, dá o sentido, a razão de ser das coisas, sendo, de facto, uma potência criadora. A única prova de corrida do programa olímpico de Atletismo que não é designada pela distância a percorrer é a Maratona, sendo também a única referenciada pela cultura clássica. Essa corrida reenvia-nos para o tempo maravilhoso do passado épico da génese da cultura ocidental, onde se situa o nascimento do desporto.

A Maratona olímpica contém todos os elementos constitutivos da narrativa porque ela própria se assume como um paradigma da existência humana.

O LUGAR DA MARATONA NA GRÉCIA ANTIGA

Muito se tem escrito e falado sobre a prova da Maratona. Desde a sua origem mítica (batalha de Maratona) à metodologia de treino para a percorrer, Maratona não causa indiferença.

É uma palavra, uma simples palavra que comporta inúmeros sentidos. É um lugar próximo de Atenas. É um símbolo de liberdade. É uma prova desportiva. É uma metáfora para aquilo que só é alcançado através de muito esforço e persistência. A Maratona é um mito e, como disse Fernando Pessoa, “o mito é o nada que é tudo” (Pessoa, 2006, p. 355). A palavra Maratona nada é e ao mesmo tempo é tudo. É tudo porque sem essa palavra não existia a mais emblemática prova olímpica. Aqueles 42.195 metros não teriam significado. Quem criou essa prova do Atletismo foi uma palavra, que rapidamente se transformou num símbolo.

A Maratona enquanto competição desportiva é recente. Tem pouco mais de um século de existência. Nos jogos da antiguidade clássica não havia qualquer prova similar. No tempo de Píndaro a maior distância que era disputada nos antigos Jogos Olímpicos não ultrapassava os dois mil e quatrocentos metros (Kito, 1990; Pereira, 1988), bem longe dos mais de quarenta quilómetros da presente Maratona. Esta prova seria inconcebível na antiga civilização grega.

Os jogos de então permitiam que as pessoas pudessem atingir a sua excelência, tradução habitual para a palavra grega *areté*, não visando apenas a evidência de uma habilidade especializada. O homem integral constituía-se como fundamento e finalidade dos jogos. A Maratona, pela sua especialização, não poderia ser uma prova desportiva grega. Aristóteles dizia que um verdadeiro homem deveria saber tocar flauta, “mas não bem de mais” (Kito, 1990, p.289). Seria impossível treinar-se para esta longuíssima prova e participar ativamente na vida da *polis*. Platão, dentro desta concepção de homem integral, achava natural que o ateniense fosse para o ginásio, para o teatro ou para um navio de guerra, exercitando-se quer física quer mentalmente.

Na mesma linha se pronunciou Thucydides (1974) ao referir que a educação ateniense se orientava para todos os aspetos da vida. Ora, o treino para a Maratona é, quase, um modo de vida. Dificilmente poderia ser integrado na vivência do grego de então. É uma

prova da modernidade, fruto da sociedade industrial hiperespecializada que reinventou os Jogos Olímpicos em 1896. Desta forma, a Maratona expressa mais a sociedade ocidental do final do século XIX do que a plenitude dos valores olímpicos primordiais.

A Maratona é um feito que celebra a vida, apesar de na sua origem existir uma história de morte. Um soldado teve de correr da planície de Maratona até Atenas para anunciar a vitória militar perante os soldados de Dario, rei Persa, que em 490 a.C. invadiu o território grego. Com efeito, é da tradição que no decorrer da batalha quando o General Milcíades percebeu a vitória enviou um mensageiro a Atenas para comunicar essa notícia. A escolha recaiu sobre Philippides que correu sem parar a distância que separa esses lugares. Correu até à exaustão e chegou a Atenas, depois de comunicar a vitória (“Alegrai-vos. Vencemos!” [Xairete, Nenikikamen]) caiu morto. O tremendo esforço para percorrer a distância venceu a vida do pobre soldado! Foi a primeira vida reclamada pela Maratona. Outras se seguiram, inclusive de um português de nome Francisco Lázaro falecido nos Jogos Olímpicos de Estocolmo no ano de 1912.

Sabemos que estamos perante uma pequena história, provavelmente fruto da imaginação popular. A primeira referência escrita que conhecemos sobre o episódio do soldado Philippides é de um autor tardio, Plutarco (1990), datando dos séculos I e II da nossa era, cerca de seis a sete séculos após a ocorrência da batalha de Maratona. É estranho, sem dúvida. No entanto, os mitos são narrações intrigantes, para não dizer absurdas e incompreensíveis, mas ao mesmo tempo fascinantes e compulsivas. Faz lembrar Heródoto quando Tritantacmes, filho de Artábano, estranhou que o prémio de uma peleja desportiva fosse uma coroa de oliveira e não a riqueza: “Ai, Mardónio, que homens são esses...” (Heródoto, 1990, p. 227). Também o desporto pode ser estranho, muito estranho.

A batalha de Maratona teve uma grande importância para a civilização grega. Lévêque (1988) refere que os êxitos sobre os persas foram simbolizados no Grande Templo (mais tarde chamado Parténon) como um símbolo evidente da vitória da ordem e da supremacia da polis sobre a anarquia e a brutalidade primitivas. Effenterre (1979) considera o triunfo em Maratona como uma vitória da liberdade sobre o despotismo. Esta batalha, ainda nas palavras de Effenterre, tornou-se um símbolo para os vencedores e a essa geração o autor denominou-a de maratonómacos. Grimal (1989) afirma que com a derrota dos atenienses em Maratona teria perecido para sempre uma certa imagem de liberdade. Também Maria Helena da Rocha Pereira (1988) refere que o povo grego conseguiu uma vitória inesquecível em Maratona. José Clota (1986) refere-se a esta vitória grega como um possível mito (“La historia se había convertido em mito”).

Porém, esta ligação de Maratona a valores de liberdade, isto é, a noção de Maratona como símbolo, não é uma construção moderna, mas velha de dois milénios. Demóstenes (1990) (século IV a.C.) refere-se aos nossos antepassados que foram os primeiros a expor-se ao perigo em Maratona como um modelo de luta pela liberdade. Aristófanes

(1990) (séculos V-IV a.C.), ao contrapor a educação antiga à moderna, diz que foi a minha educação que criou os guerreiros de Maratona, numa clara alusão ao feito conseguido pela geração dos maratonómacos. Igualmente a pintura, através de Polignoto de Tasos, imortalizou esta batalha no *Stoa Poikila* (Pórtico Pintado) de Atenas com cenas da batalha de Maratona. A escultura também não se esqueceu de Maratona. O friso do interior do Párteon, com a procissão das Panateneias, é interpretado por Boardman (1977) como sendo o festival do ano da batalha, figurando os futuros combatentes que aí estavam heroificados.

Diante de tantas exaltações a esta vitória militar, Maratona tornou-se num símbolo. Para Paul Ricoeur (1987) o símbolo dá para pensar. Pensemos, então, na Maratona enquanto símbolo.

A CRIAÇÃO DA PROVA DA MARATONA

A prova da Maratona está intimamente associada aos Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizados pela primeira vez no ano de 1896, na cidade de Atenas. Se o coração de Pierre de Coubertin repousa em Olímpia para perpetuar a sua íntima ligação aos novos Jogos Olímpicos, Michel Bréal deveria ter o seu na planície de Maratona, uma vez que foi sob o seu impulso que se criou esta prova olímpica. Michel Bréal foi um reputado linguista, professor no Collège de France, muito ligado à cultura clássica, em especial à grega. Baseado numa história popular, Bréal propôs a Pierre de Coubertin que se realizasse uma prova que ligasse a planície de Maratona ao Estádio Olímpico de Atenas, a fim de se celebrar o heroico percurso do jovem Philippides.

É evidente que entre a lenda e a realidade pode ir uma distância considerável. O próprio nome do soldado não é certo, apontando alguns para Feidípes, Philippides ou Pheidippides, outros para Aristíon ou ainda Euclès, nem há certezas sobre a distância percorrida em virtude da grandeza da planície de Maratona e da própria dimensão de Atenas. Distâncias entre os 18 e os 45 quilómetros foram já "medidas" para esta prova. Por exemplo, Ioannidès (1976), após aturadas investigações sobre o percurso mais razoável entre os dois locais, encontrou a extensão de 34 quilómetros. A atual distância da Maratona é resultado de contingências várias e não de qualquer referência histórica ou mítica.

Se a historicidade da batalha de Maratona não levanta qualquer suspeita, bastando para isso consultar os historiadores clássicos, como por exemplo Heródoto, Thucydides e mesmo Ésquilo, já da proeza do soldado Philippides tal não poderá ser afirmado. Ésquilo, combatente em Maratona, na sua tragédia *Os Persas* (ver Clota, 1986), não se refere a este episódio, descrevendo, contudo, a batalha. Este autor alude à existência de um mensageiro, mas da parte persa que comunicou a derrota a Dario. Heródoto (1990), muito pormenorizado em descrições, não referencia nenhum mensageiro de Maratona a Atenas.

Por tal, é tarefa difícil ou mesmo impossível afirmar ou negar a existência do soldado-mensageiro. Há argumentos para aqueles que defendem a tese da sua existência baseados na manutenção pela oralidade da história durante sete séculos. Para que uma história se perpetue pela oralidade terá de ser relevante e paradigmática, condições necessárias para tornar crível a sua existência na memória coletiva. Por outro lado, há autores que questionam a veracidade do facto, alegando que os principais historiadores do Mundo Antigo não se referiram a esse acontecimento. Ioannidès considera, na defesa da segunda hipótese, que a história da batalha de Maratona como manifestação de potência e de vontade humana fora do comum, deve ter excitado a imaginação das gerações posteriores, ao ponto de criar o clima ideológico que pode ter presidido ao nascimento da lenda do soldado.

Desconhecemos o grau de aceitação de cada uma destas posições sobre a veracidade da história por parte do professor Michel Bréal, embora nos inclinemos, tomando como base as conferências de Pierre de Coubertin, para a sua plena aceitação. Bréal, então, propôs a prova e o Comité Olímpico aceitou. A ideia era repetir o caminho do soldado e assim celebrar o símbolo de Maratona. Coubertin considerou mais tarde que essa prova tinha sido a única coisa tecnicamente sensacional desses Jogos Olímpicos, tendo o próprio Bréal oferecido uma taça em ouro ao vencedor.

O PODER FUNDADOR DA PALAVRA

No princípio era a Palavra [ou o Verbo]. Com estas palavras São João inicia o seu Evangelho.¹¹ Foi a palavra a potência criadora, que dá ser ao que não existe, que ordena o caos, o logos da humanidade. Na tradição cristã, na Palavra repousa a vida, a luz, o conhecimento. A Palavra é um instrumento criador, a forma encontrada para colocar no universo aquilo que não existia. A Palavra, mais do que um nome abstrato ou fortuito, é uma força fecundante e fundadora. A Palavra funda uma existência. Sem ela nada existiria ou se revelaria.

A Maratona é uma palavra fundadora. Criou uma prova desportiva e, também importante, determinou um modelo existencial baseado no esforço verdadeiro, fundando uma ética.

Ser maratonista não se resume apenas a quem já correu essa prova, tal como os maratonómacos não foram apenas as pessoas que estiveram envolvidas na batalha de Maratona, mas toda uma geração de gregos. Ser maratonista simboliza viver numa ética centrada no esforço continuado, enfrentando o caminho sem fugir por atalhos de qualquer natureza. Ninguém o é por fazer algo rapidamente. Implica uma dedicação sem fim a uma causa. Esse é o verdadeiro sentido da palavra Maratona. Mais do que uma distância, esta palavra encerra em si um modelo de vida, um modo de ser, constituindo-se num autêntico paradig-

¹¹ Evangelho segundo São João, p. 1257 da edição da Bíblia utilizada neste ensaio (ver Bíblia Sagrada, 2001).

ma para a nossa existência. Correr a Maratona é mais do que correr uma grande distância, sendo que esse significado é-nos dado pelo valor criativo da Palavra.

A palavra Maratona situa o acontecimento na Grécia Antiga, berço da nossa civilização, querendo desta forma atribuir-lhe uma origem. A descrição da origem de uma atividade proporciona-lhe um sentido último. Por outro lado, ao usar-se o tempo primordial, neste caso do desporto, permite que se compreenda o sentido derradeiro do tempo atual, neste caso aquele vivido através da prova da Maratona.

Desta forma, ao criar-se a prova da Maratona, situando-a num tempo mítico e apontando um significado transcendente próximo da vitória sobre a morte (repetir a tarefa e não morrer), instaura-se uma ética cuja centralidade do esforço sobressai, para mais numa era onde predomina a ética indolor, como nos avisa Gilles Lipovetsky (1994).

A palavra Maratona dá o sentido, a razão de ser das coisas, sendo de facto uma potência criadora.

A MARATONA COMO UTOPIA E UCRONIA

Utopia é um dos mais interessantes livros de análise político-social alguma vez escrito. Thomas More (2006) escreveu-o na segunda década do século XVI, sendo Utopia o nome de uma ilha imaginária onde a harmonia reinava. É uma palavra forjada a partir do grego que significa não-lugar, exprimindo o lugar que não há (*outopos*). Mas também pode significar o lugar da felicidade (*eutopos*) que se busca a cada instante.

Parece ser na origem que encontramos a verdade do ser. As expressões Naquele Tempo, de uso frequente nos Evangelhos, ou o *Era uma vez*, dos contos infantis/populares, remetem-nos para o princípio, para o exemplo paradigmático da origem humana. É nesse tempo que se situa o elemento fundador humano, que legitima a construção do neologismo ucronia, que tem um valor semelhante ao de utopia, mas referenciado ao tempo. Como nos asseveram Manuel Ferreira Patrício e Luís Sebastião (2004, p. 119), "trata-se de um tempo que já foi, habitado por um lugar que foi nesse tempo. Esse tempo já não é (...)", mas que poderá voltar a sê-lo, acrescentamos.

Tal como a utopia é um lugar desejável, ucronia corresponde ao tempo que já houve e que gostaríamos que voltasse a existir. É, ao mesmo tempo, memória e esperança. É a Saudade de Teixeira de Pascoaes (1991)¹², seja pelo passado ou pelo futuro. Para este autor, alma é aquela íntima unidade em que se fundem os seus dois elementos primordiais: «desejo» e «lembrança». Ucronia é o desejo e a lembrança de um tempo primordial onde existia o lugar da felicidade, *eutopos*, porque a lembrança é sempre mediada pela esperança de retornar, ainda que apenas de modo semelhante, à vivência do que se perdeu e de que se possui saudade.

O desporto apresenta a Grécia Antiga como uma espécie de reserva moral para a sua prática. É nesse tempo e nesse lugar que muitas vezes se quer fundamentar o valor do desporto. Foi aí que Coubertin e Bréal buscaram inspiração para os Jogos Olímpicos e para a prova da Maratona.

A Grécia Antiga constitui-se assim como uma metáfora para o desporto, o seu tempo primordial, a sua utopia e ucronia, carregando em si uma nostalgia própria das origens. É nesse tempo, mítico para o desporto, que repousam as suas raízes mais profundas. É o equivalente da expressão comum em vários Evangelhos *Naquele tempo*. É um tempo idealizado onde se percebem claramente os superiores valores do desporto. É um tempo que já não existe, num local também ele quase inexistente.

O tempo, qual ucronia, revelado pela Maratona é o da exaltação do belo e do bom, no fim de contas os ideais expressos pela palavra *kalokagathia*. Mas este conceito grego vai mais longe do que a simples afirmação do belo e do bom. Exige disputa, competição. Heráclito (1993) apresenta-nos a noção que a disputa mostrava serem alguns deuses e outros mortais, fez de alguns escravos e de outros homens livres.

É nesse tempo que se procura fundar a Maratona. Por tal, Maratona é um lugar. Não apenas um lugar geográfico, mas um lugar e um tempo antropológicos onde o homem se realiza e atinge a felicidade. Utopia e ucronia concretizam-se na Maratona.

Adianta Mircea Eliade (1989) que a história mítica que relata a origem, neste caso da prova da Maratona, prolonga e torna presente esse momento fundador. Tal como nos ensinou Santo Agostinho (2002), pela memória tornamos presente o passado. Neste caso estamos perante duas memórias: da memória da prova – a batalha de 490 a.C. – e da memória primordial – a corrida do pobre soldado. Tempo histórico e tempo mítico confluem para o mesmo lugar, para a planície de Maratona.

É o tempo que já não é, onde existiu um lugar que já não há, mas que gostaríamos que houvesse. Para o olimpismo, esse lugar, qual utopia, é a Grécia e esse tempo, qual ucronia, é-nos indicado pelo adjetivo Antiga.

Grécia Antiga representa o esplendor do desporto, o lugar e o tempo que queremos resgatar, e que, ao ser recuperado pela memória, tornamos presente o nosso passado glorioso.

Maratona, prova inventada no final do século XIX, tem assim lugar na narrativa intemporal dos Jogos Olímpicos. E esse lugar é-lhe conferido porque tem valor, porque vale, pelo que os seus campeões são pessoas valerosas, como Camões anunciou. Por tal, são imortais.

¹² O conceito de saudade é recorrente na obra de Teixeira de Pascoaes. Em *Arte de ser português* este tema está profundamente desenvolvido.

REFERÊNCIAS

- Aristófanés (1990). Educação antiga e educação moderna. In M. H. R. Pereira (Org. e trad.), *Heláde: Antologia da cultura Grega* (pp. 320-321). Coimbra, Portugal: Faculdade de Letras.
- Aristóteles (2009). *Ética a Nicómaco*. Lisboa, Portugal: Quetzal.
- Aristóteles (1998). *Política* (Ed. bilingue). Lisboa, Portugal: Veja.
- Bento XVI (2010). *Luz do mundo*. Cascais, Portugal: Luccerna, Princípa Editora.
- Bíblia Sagrada (2001). *Bíblia Sagrada*. Petrópolis: Editora Vozes (45.ª edição, autorizada por Dom Lucas Cardeal Moreira Neves, Arcebispo de São Salvador, BA, Primaz do Brasil).
- Boardman, J. (1977). The Parthenon frieze: Another view. In U. Höckmann & A. Krug (Eds.), *Festschrift für Frank Brommer*. Mainz, Deutschland: Philipp von Zabern.
- Camões, L. (1981). *Lusíadas*. Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.
- Clota, J. (1986). *Introducción à edição espanhola de Tragédias completas de Ésquilo*. Madrid, Espanha: Catedra, Letras Universales.
- Demóstenes (1990). Oração da coroa. In M. H. R. Pereira (Org. e trad.), *Heláde: Antologia da cultura Grega* (pp. 433-434). Coimbra, Portugal: Faculdade de Letras.
- Effenterre, H. (1979). *A idade Grega: 550 a 270 a.C.* Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote.
- Eliade, M. (1989). *Origens*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Garcia, R. (2013). A herança: A utopia da maratona. In P. M. Pinto (Coord.), *Olimpico: Os jogos num percurso de valores e significados* (pp. 57-65). Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- Grimal, P. (1989). *A mitologia Grega*. Mem-Martins, Portugal: Publicações Europa-América.
- Heráclito (1993). Fragmentos. In *Os pensadores originários* (frag. 53). Petrópolis: Editora Vozes.
- Heródoto (1990). Os prémios dos Jogos Olímpicos (Livro VIII, 26). In M. H. R. Pereira (Org. e trad.), *Héla-de: Antologia da cultura clássica* (p. 227). Coimbra, Portugal: Faculdade de Letras.
- Homero (2005). *Ilíada*. Lisboa, Portugal: Livros Cotovia.
- Ioannidès, I. (1976). La véritable course du messenger de marathon. *Revue Olympique*, 109, 599-602.
- Kíto, H. (1990). *Os gregos* (3.ª ed.). Coimbra, Portugal: Arménio Amada Editora.
- Lévêque, P. (1988). A religião Grega. In A. Festugière, P. Vidal Naquet, F. Châtelet, M. Detienne, & P. Ricoeur (Orgs.), *Grécia e mito* (pp. 115-157). Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever: A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote.
- Monteiro, A., & Garcia, R. (2016). *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*. Lisboa, Portugal: Comité Olímpico de Portugal.
- More, T. (2006). *Utopia* [Estudo introdutório à utopia Moriana por José V. de Pina Martins (Trad. e comentários Aires A. Nascimento)] Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Patrício, M., & Sebastião, L. (2004). *Conhecimento do mundo social e da vida: Passos para uma pedagogia da sageza*. Lisboa, Portugal: Universidade Aberta.
- Pausânias (2000). *Descripción de Grecia: Ática y Élide*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial.
- Pereira, M. H. R. (1988). *Estudos de história da cultura clássica: Cultura Grega*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pessoa, F. (2006b). Ulisses. In *Mensagem: Antologia da poesia portuguesa*. Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.
- Pessoa, F. (2006a). Mostrengo. In *Mensagem – Antologia da Poesia Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Círculo de Leitores.
- Píndaro (1990). I.ª e VII.ª Ode Olímpica. In M. H. R. Pereira (Org. e trad.), *Heláde: Antologia da cultura Grega* (pp. 149-162). Coimbra, Portugal: Faculdade de Letras.
- Plutarco (1990). *De la gloire des Athéniens*. Paris, France: Les Belles Lettres.
- Ricoeur, P. (1987). *Teoria da interpretação*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Roccheta, C. (1993). *Hacia una teología de la corporeidad*. Madrid, Espanha: Ediciones Paulinas.
- Santo Agostinho (2002). *Confissões* (Livro XI). São Paulo, Brasil: Martin Claret.
- Santos, A. I., & Jardim, A. P. (2005). Platão: A República (dossier do Professor). In *10 Livros que mudaram o mundo* (pp. 401-449). Vila Nova de Famalicão, Portugal: Edições Quase.
- Serres, M. (2004). *Hominescência*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Teixeira de Pascoaes J (1991). *Arte de ser Português*. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim.
- Thucydides (1974). *History of the Peloponnesian War*. London, UK: Penguin Classics.

REVISORES 2020

O Corpo Editorial da RPCD gostaria de agradecer aos seguintes revisores os comentários e esforços na avaliação de manuscritos em 2020

Alexandre Medeiros (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, BRASIL)
Bebiana Sabino (ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE BEJA, PORTUGAL)
Bruno Mezêncio (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL)
Daniel Barreira (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Fernando Lemos (INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA, PORTUGAL)
Fernando Santos (INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL)
Filipe Casanova (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Filipa Sousa (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Filipe Conceição (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Gustavo Paibe (UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MOÇAMBIQUE, MOÇAMBIQUE)
Hélder Zimmermann (UNIVERSO, UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, BRASIL)
João Manuel Ribeiro (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
João Pedro Marques Duarte (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
João Prudente (UNIVERSIDADE DA MADEIRA, PORTUGAL)
José Afonso Neves (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
José Carlos Ribeiro (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Luca Correale (UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI PAVIA, ITALIA)
Márcio Rogério de Oliveira (UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR, LONDRINA, BRASIL)
Maria José Carvalho (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Mónica Sousa (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL)
Nuno Corte-Real (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)
Paulo Jorge Pereira (FEDERAÇÃO DE ANDEBOL DE PORTUGAL, PORTUGAL)
Ronaldo Gabriel (UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, PORTUGAL)
Sofia Canossa (UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL)